

# SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER  
Auxiliares: BAPTISTA DE MATTOS  
MANOEL GUEDES

## A transformação necessária da infantaria franceza

Ten. Cel. CAZEILLES  
(Tradução do Major F. BRAYNER)

### NOTA DO TRADUCTOR

Submettemos aos nossos leitores, neste numero d' "*A Defesa*", uma primeira parte dum excellente estudo, que é ao mesmo tempo, um brado de revolta, do Coronel Cazeilles, illustre official da Infantaria Franceza, contra os exaggeros da prudencia com que se está empregando a infantaria nos combates offensivos, prudencia essa que se avizinha da pusillaninidade.

Aliás este assumpto de ha muito está despertando polemica no seio da Infantaria Gaulesa, com accentuados reflexos sobre a organização fundamental dessa arma.

A nós outros da Infantaria Brasileira, que concordamos integralmente com os conceitos do Coronel Cazeilles, interessa vivamente a evolução dessa polemica, uma vez que, neste particular, apenas tentos nos limitado a copiar, sem restricções a organização da sua Infantaria.

Já nas lutas intestinas que nos tem assoberbado nesses ultimos doze annos, varios chefes haviam assignalado a pouca mobilidade e falta de espirito offensivo da nossa Infantaria, por demais amarrada ás posições em que aferrava as suas armas automaticas. E como todo o pessoal gravita em torno dessas armas, a impressão geral é de que a Infantaria não tem confiança na sua potencia, ou não quer "brigar"...

Pedimos a maxima attenção dos nossos camaradas infantes para as vehementes palavras do Coronel Cazeilles.

"Pedimos ao leitor que não dê uma falsa interpretação ás nossas idéas relativas ao combate de infantaria.

Escrevendo estas linhas não significa que pretendamos apoiar uma theoria desarrazoada, comparavel á que, em Agosto de 1914 levou ao holocausto a fina flor da juventude franceza

A lembrança da heroica, mas inútil hecatombe, não se afasta da nossa memória. As rudes lições dos primeiros mezes de guerra, ainda, estão longe de se apagar do espirito de quem as adquiriu pela experiencia própria. Para aquelle, o dogma da *potencia de fogo* permanece a lei do combate da Infantaria.

E essa potencia, jamais a consideraremos bastante.

E' preciso, portanto, ver nessas linhas não uma exposição de theorias perigosas, elaboradas sem maior attenção pelas realidades do campo de batalha, mas uma reacção contra o espirito actual da nossa Infantaria, *a nossa ver excessivamente estatica.*

\* \* \*

A infantaria franceza de 1935 não tem o senso da offensiva e do movimento. Esta constatação se impoz a quantos seguiram as manobras de conjuncto nos campos de instrucção.

E' preciso ter presenciado a progressão processional das nossas unidades, antes mesmo que o menor contacto com o inimigo tivesse sido tomado!

Alguns tiros de fuzis longínquos são sufficientes para bloquear a marcha dos nossos elementos de testa durante horas a fio. *A prudencia, mas uma prudencia visinha da pusillanidade,* guia os Cmts. das pequenas unidades.

Na tomada de contacto, é a falta de flexibilidade, a incapacidade de aproveitar as occasiões favoraveis; e no maior das vezes a linha de combate vem se immobilizar diante d'uma linha descontínua de fracas resistencias inimigas sem qualquer ideia de manobra possível.

Tentemos analisar as razões dessa passividade.

E', antes de tudo, *o espirito geral do paiz.* Ninguem pode avaliar o mal inoculado no espirito da juventude franceza, pelas theorias pacifistas de após-guerra. O Francez que, todavia, possui bellas qualidades guerreiras, foi induzido a admittir, unicamente, a guerra dita *defensiva* e, por uma consequencia que elle acredita logica, uma attitúde defensiva no combate. Acrescentemos a isto que o Francez da classe media, em vista do passado, pouco procura a Infantaria, a arma do sacrificio, privando-a assim dos elementos aptos a formar graduados, isto é, o fermento da massa que, por vezes é inerte, apesar das suas qualidades intrinsecas.

### O ESPIRITO DA GUERRA

1914-1918, guerra essencialmente estatica, ficou muito arraigado no nosso Exercito, cujos quadros (activa ou reserva) são ainda constituidos, em grande parte, nos escalões medios da hierarchia, por antigos com-

batentes daquella época. Nossa infantaria, graças á sua experiência, é com certeza, defendida contra as especulações fantasistas e perigosas. Conserva, por sua vez, intacta e sã a crença na omnipotencia do fogo. Em compensação, deixa-se immobilizar nas velhas formulas; e em particular, não crê na manobra.

Para muitos infantes, a guerra se resume num combate frontal; n'uma progressão muito lenta obtida pela destruição total e previa do adversario. O senso da oportunidade, da occasião favoravel, para melhor dizer, da manobra, não existe.

E' justo, entretanto, constatar que uma reacção feliz e oportuna se manifesta nesta ordem de ideias.

O *serviço de curta duração* age accentuadamente sobre o espirito do infante, pela razão mesma das difficuldades de instrucção que d'elle resultam.

O soldado de um anno (deveriamos dizer de quatro mezes) estava mal preparado para ser um combatente offensivo. E isto porque, se é relativamente facil ensinar a um recruta a utilizar a sua arma na defensiva, é muito difficil inculcar-lhe os reflexos offensivos.

E isto é tão verdadeiro que se poudo ver, depois de 1918, em quasi todos os paizes, manifestar-se uma tendencia commum: crear um exercito de profissionaes possantemente armados, ao qual serão reservadas as missões offensivas, ao passo que a nação armada constitue um apoio, recebendo encargo de manter todas as frentes defensivas. Aliás, não foi isto que se praticou no curso da ultima guerra, em que, com effeito, durante os annos de 1915, 1916 e 1917, os ataques de envergadura foram, quasi sempre, confiados ás mesmas unidades? Isto prova sufficientemente que, mesmo durante a guerra, tornou-se difficil alimentar a aptidão para a offensiva, em todas as nossas unidades.

O *armamento da infantaria* é sempre nitidamente defensivo, uma vez que elle comporta uma proporção muito forte de armas automaticas, feitas para interdizer grandes zonas de terreno.

A arma de tiro curvo, cuja missão é attingir o inimigo abrigado, e que é, por excellencia, a arma da offensiva, está ainda pouco difundida.

Esta simples constatação explica a attitude do infante preocupado, antes de tudo, com a elaboraçãõ de um plano de fogo de caracter nitidamente defensivo ao invés de se preocupar com a ajuda a dar ás unidades de fuzileiros — volteadores em proveito de sua progressão.

Tem-se procurado realizar a melhor utilização da arma automatica no ataque. Todas as revistas militares estão repletas de artigos relativos á base de fogos, demonstrando, assim, a preocupação de apoiar as unidades de volteadores durante a sua progressão.

Resultou d'ahi um methodo racional de utilização das metralhadoras, agrupadas na mão do Commandante do Batalhão, para applicar a massa do seu fogo sobre pontos importantes.

Trata-se, evidentemente, de um progresso certo sobre os erros commettidos de 1914-1918; mas, não deixa de ser uma solução perigosa, pois exige, no emprego dessas armas, uma rara virtuosidade que, com certeza, não se encontrará nos quadros das nossas unidades mobilizadas.

A arma automatica de trajectoria tensa, mesmo correctamente utilizada, permanece pouco apta para a offensiva.

Enquanto a nossa Infantaria não fôr dotada de numerosos engenhos de tiro curvo, ou melhor ainda, de engenhos blindados, pode-se temer que ella se deixe escravisar pelo seu armamento e, por consequencia, conserve decididamente a sua mentalidade actual.

*A organização das pequenas unidades de infantaria é o factor que mais contribue para manter o espirito defensivo do infante e o que mais freia as suas qualidades manobreras.*

Como se apresenta o Pelotão de Infantaria?

Sua composição de tres grupos identicos, tem como consequencia uma repartição uniforme das armas automaticas no terreno, collocada para bater toda a frente do Pelotão. Isto constitue aliás a preocupação incessante do Cmt. do Pelotão.

E agindo assim, não procede com uma tendencia estritamente defensiva?

Não resta duvida.

Na concepção actual, o fuzil-metralhadora é a arma essencial do Grupo de Combate. A tactica do Grupo é inteiramente baseada sobre o seu emprego, sacrificando-se tudo por elle.

O fogo do fuzil-metralhador não é mais um meio de ajudar a progressão das unidades de volteadores. Tornou-se exclusivista, em consequencia d'uma deformação do espirito do infante.

Não esqueçamos o espectáculo offercido pelas pequenas unidades de infantaria durante as manobras.

Constatou-se, de um modo geral, uma cristalização do grupo de combate em torno do F. M. — Commandante do Grupo, cabo, atirador, carregador e municidores formam uma aglomeração aliás muito vulneravel.

O Commandante do Grupo que devera ser um conductor homens, e não ter outra preocupação que não fosse a marcha para a frente, deixa-se absorver pelo tiro da arma collectiva. Entretanto os volteadores, em numero aliás muito reduzidos, entregues a si mesmo, não ouzam se afastar além de algumas dezenas de metros da arma collectiva.

Não lhes foi, aliás, *repisado e repetido* que a missão do volteador era *esclarecer, cobrir e proteger a arma automática?*

E poder-se-á, em semelhantes condições, pedir *actuação e espírito ofensivo* ás nossas unidades de infantaria?

Si o commandante do Pelotão e o commandante da Companhia não reagem, constata-se uma estagnação insuportavel, uma lentidão inaudita, não reagem, constata-se uma estagnação insuportavel, uma lentidão inaudita, toda feita não de prudencia, mas, de uma falta total de senso de oportunidade.

Os resultados que se colhem são muito perceptíveis; chegaremos a ver, na guerra de movimento, as nossas pequenas unidades de infantaria, deterem-se diante de resistencias esporadicas e pouco importantes.

Nosso adversario provavel, que possui no mais alto grau o senso da marcha para a frente (para se convencer disto basta percorrer as pequenas brochuras reservadas aos homens da tropa do exercito allemão), apoderar-se-á de todos os pontos característicos do terreno e imporá o campo de batalha que tenha escolhido.

Evidentemente, a acção do commandante do Pelotão no combate ofensivo se revela mais ou menos inoperante, em face das difficuldades de commando.

*Com effeito, elle commanda realmente o grupo, proximo do qual se encontra; e os grupos combatem cada um por sua conta propria.*

No que concerne á Companhia e ao Batalhão, sua organização não se presta a nenhuma critica séria.

Poder-se-ia, entretanto, assignalar que o commandante do Batalhão possuindo somente tres Companhias de fuzilheiros, tem, com effeito, apenas uma possibilidade de manobra e que, a partir do momento em que engaja a sua companhia reserva, encontra-se praticamente desarmado. E' insufficiente na guerra de movimento.

O grupamento das metralhadoras no escalão batalhão permite, em principio, ao Commandante do Btl., fazer sentir sua acção no combate, através do apoio dos fogos de que elle dispõe.

Mas, esse apoio na progressão é illusorio, diante das caracteristicas da metralhadora. Na realidade, ellas ficam, na maioria inaproveitaveis.

O Regimento tem se revelado uma unidade muito pesada para commandar.

O Coronel não sabe quasi nada do que se passa na frente do seu regimento, em consequencia da extensão da zona de acção; e sua intervenção está sempre sujeita a um retardo sobre os acontecimentos.

(Continúa)